

Braskem já calcula em R\$ 8,3 bi a reparação de danos em Maceió **B1**

Petrobras corta investimentos no pós-sal e reforça a venda de ativos **B4**

Sem política fiscal crível, risco afeta juro e câmbio e leva à inflação, disse Pastore, na 'Live do Valor' **A2**



Claudia Safatle
Brasília

O presidente Jair Bolsonaro colocou ontem o Renda Brasil, programa que estava sendo concebido para garantir uma marca social a seu governo, no lugar do Bolsa Família, em estado de "hibernação". A determinação foi dada após a repercussão negativa provocada pelas notícias de que a equipe econômica estudava a desindexação dos benefícios previdenciários da variação do salário mínimo, como forma de financiar o programa de renda mínima.

Bolsonaro convocou o ministro da Economia, Paulo Guedes, para uma reunião e na sequência publicou um vídeo nas redes sociais. De forma enfática, de-

clarou: "Até 2022, o meu governo está proibido de falar a palavra Renda Brasil. Vamos continuar com o Bolsa Família e ponto final". O presidente lembrou que já descartara a sugestão de "tirar dinheiro dos pobres para dar aos paupérrimos", ameaçando dar "cartão vermelho" a quem lhe apresentasse tal medida.

Estratégia semelhante foi usada quando surgiram os primeiros movimentos para a criação do Imposto sobre Transações, cuja referência é a antiga CPMF. O então secretário da Receita, Marcos Cintra, defendeu abertamente a criação do novo tributo poucas horas depois de ser aconselhado por Guedes, a pedido do presidente, a não falar mais sobre o assunto. O secretário foi sumariamente demitido. O tema, aparentemente, estava

morto e enterrado, mas continua vivo.

Ambas as medidas dependem de um tempo que será determinado pela política para saírem da "hibernação". O novo imposto será discutido durante a reforma tributária, enquanto os três "D"—desindexar, desvincular e desobrigar—fazem parte da PEC do Pacto Federativo. A desindexação representaria, quando e se aprovada, a conclusão do Plano Real.

Até lá, o governo terá que decidir como evitar o fim abrupto, em dezembro, da renda da população assistida pelo auxílio emergencial. Caberá aos técnicos da Economia fazer os estudos com base em determinações políticas. O nome do programa não deverá ser mais Renda Brasil. Um rearranjo na equipe econômica também não é descartado. **Páginas A3 e A4**

Destaques

Encruzilhada ambiental de Bolsonaro

O governo de Jair Bolsonaro tem pela frente o desafio de decidir, até o fim do ano, se reforça ou não as metas climáticas do Brasil no âmbito do Acordo de Paris. É uma atitude que poderá melhorar—ou piorar ainda mais—a imagem do país na cena internacional, ante a resistência oficial em relação à urgência da questão ambiental. **A14**

Lactalis leva fatia dos queijos da Kraft



A Kraft Heinz—controlada pelo grupo de investimentos brasileiro 3G Capital e pela Berkshire Hathaway, de Warren Buffett—fechou acordo para vender parte de seu negócio de queijos para a Lactalis, da França, por US\$ 3,2 bilhões. O presidente-executivo da Kraft Heinz, o português Miguel Patricio, disse que usará os recursos para reduzir o endividamento da companhia, de US\$ 26 bilhões. **B5**

Anima na disputa pela Laureate

Além da Ser Educacional e da Yduqs, a Anima também tem interesse pelos ativos da Laureate no Brasil. O Valor apurou que havia negociações em andamento com as três potenciais compradoras. O anúncio da proposta da Ser, no domingo à noite, forçou as outras duas interessadas a apressarem suas ofertas. **B8**

Athena, da Minerva, perto da Nasdaq

A Minerva Foods, maior exportadora de carne bovina da América do Sul, assinou carta de intenções não vinculativa com uma sociedade de propósito específico (Spac) que deve levar 23,3% das ações da Athena Foods—subsidiária da Minerva com operações no Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Colômbia—para a Nasdaq. **B9**

Credit destaca empresas familiares

Empresas que têm membros da família fundadora na gestão têm apresentado desempenho financeiro melhor durante a pandemia do que aquelas em que o dono não faz parte da direção. Além disso, elas são mais alinhadas a critérios sustentáveis, segundo a pesquisa Family 1000, do banco suíço Credit Suisse. **C6**

TJ-SP desconsidera voto de credor

O Tribunal de Justiça de São Paulo decidiu dar continuidade a processo de recuperação em que um único credor de classe II (com garantias reais) rejeitou a proposta de pagamento. Para desconsiderar o voto desse credor, os desembargadores basearam-se no princípio da preservação da empresa, dos empregos e do interesse dos demais credores. **E1**

Disputas tributárias na importação

A União venceu duas disputas tributárias importantes no STF. Em uma, o Supremo considerou legal o aumento de 1% na alíquota da Cofins-Importação—de 7,6% para 8,6%—, sem direito a crédito sobre esse percentual. Na outra, a Receita ganhou o direito de reter produtos importados até que sejam pagos todos os tributos, nos casos em que o Fisco entende haver subfaturamento. **E1**

Ideias

Cristiano Romero

Elites do funcionalismo veem com enorme preocupação qualquer possibilidade de mudança nas regras da estabilidade. **A2**

Pedro Cafardo

Mais por instinto eleitoral do que por compaixão, Bolsonaro bombardeia a ideia de congelar aposentadorias. **A8**

Indicadores

Ibovespa	15/set/20	0,02%	R\$ 251 bi
Selic (meta)	15/set/20	2,00%	ao ano
Selic (taxa efetiva)	15/set/20	1,90%	ao ano
Dólar comercial (BC)	15/set/20	5,2722/5,2728	
Dólar comercial (mercado)	15/set/20	5,2878/5,2884	
Dólar turismo (mercado)	15/set/20	5,3382/5,5182	
Euro comercial (BC)	15/set/20	6,2449/6,2462	
Euro comercial (mercado)	15/set/20	6,2636/6,2643	
Euro turismo (mercado)	15/set/20	6,3728/6,5528	

Como a CPMF, Renda Brasil não acabou e vai 'hibernar'

Claudia Safatle
Brasília

O presidente Jair Bolsonaro colocou ontem o Renda Brasil, programa que estava sendo concebido para garantir uma marca social a seu governo, no lugar do Bolsa Família, em estado de "hibernação". A determinação foi dada após a repercussão negativa provocada pelas notícias de que a equipe econômica estudava a desindexação dos benefícios previdenciários da variação do salário mínimo, como forma de financiar o programa de renda mínima.

Bolsonaro convocou o ministro da Economia, Paulo Guedes, para uma reunião e na sequência publicou um vídeo nas redes sociais. De forma enfática, de-

clarou: "Até 2022, o meu governo está proibido de falar a palavra Renda Brasil. Vamos continuar com o Bolsa Família e ponto final". O presidente lembrou que já descartara a sugestão de "tirar dinheiro dos pobres para dar aos paupérrimos", ameaçando dar "cartão vermelho" a quem lhe apresentasse tal medida.

Estratégia semelhante foi usada quando surgiram os primeiros movimentos para a criação do Imposto sobre Transações, cuja referência é a antiga CPMF. O então secretário da Receita, Marcos Cintra, defendeu abertamente a criação do novo tributo poucas horas depois de ser aconselhado por Guedes, a pedido do presidente, a não falar mais sobre o assunto. O secretário foi sumariamente demitido. O tema, aparentemente, estava

morto e enterrado, mas continua vivo.

Ambas as medidas dependem de um tempo que será determinado pela política para saírem da "hibernação". O novo imposto será discutido durante a reforma tributária, enquanto os três "D"—desindexar, desvincular e desobrigar—fazem parte da PEC do Pacto Federativo. A desindexação representaria, quando e se aprovada, a conclusão do Plano Real.

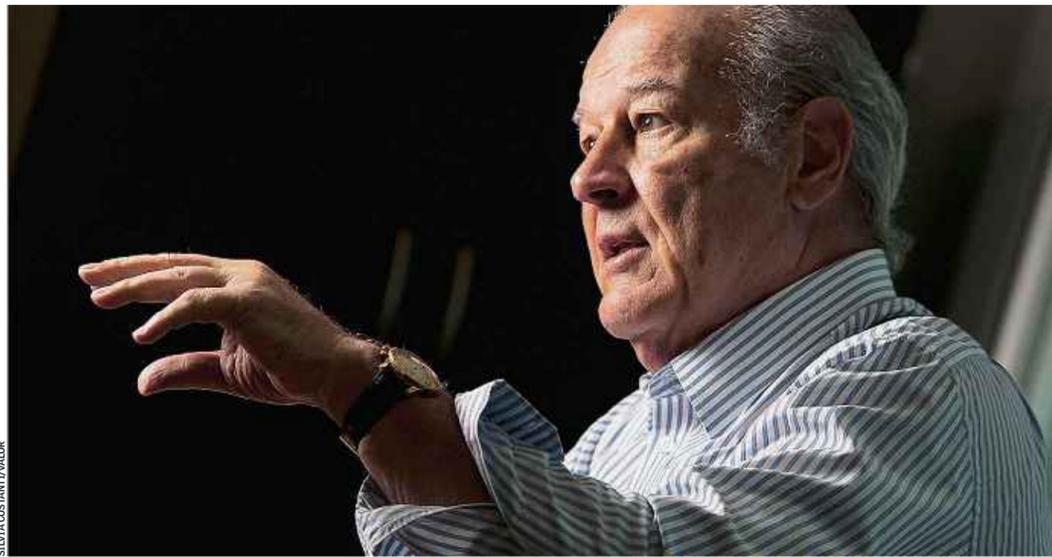
Até lá, o governo terá que decidir como evitar o fim abrupto, em dezembro, da renda da população assistida pelo auxílio emergencial. Caberá aos técnicos da Economia fazer os estudos com base em determinações políticas. O nome do programa não deverá ser mais Renda Brasil. Um rearranjo na equipe econômica também não é descartado. **Páginas A3 e A4**

Vacância em agências traz preocupação

Daniel Rittner e Renan Truffi
De Brasília

As agências reguladoras têm hoje 40% das vagas de diretoria ocupadas por interinos ou em aberto. Há 14 meses nenhum novo diretor toma posse. A situação reflete o atraso nas indicações pelo Executivo. Além disso, o processo não avança porque as comissões do Senado que analisariam os nomes não funcionam desde março em razão da pandemia. Das 11 agências, sete têm presidentes substitutos, o que é grave, porque são os porta-vozes das autarquias. Na tentativa de resolver o problema, o senador Marcos Rogério (DEM-RO) apresentou projeto de lei que estabelece novas regras para a interinidade nas agências. **Página A8**

Descompasso



O desabastecimento de alguns insumos industriais, como aço e PVC pode ser resolvido até o fim do ano. No caso do aço, segundo Carlos Loureiro, do Instituto Nacional de Distribuidores de Aço, o descompasso entre

oferta e demanda ocorreu pela recuperação em "V" de alguns setores consumidores e o tempo mais longo para a retomada da produção nas usinas. "Além da demanda normal, muitos clientes estão recompondo seus estoques",

disse Loureiro à repórter Ana Paula Machado. A retomada da demanda fez com que a estimativa de queda de vendas de aço saísse de 20%, em abril, para 12% em julho — a projeção deve ser revista em breve. **Página B3**

AL ganha destaque em eleição nos EUA

Michael Stott
Financial Times

Donald Trump mostrou mais o cassete do que a cenoura para a América Latina. Joe Biden oferecerá parcerias para promover investimentos verdes e estreitar os laços econômicos, segundo pessoas próximas ao candidato demo-

crata. "Ele [Trump] simplesmente não deu importância" à região, diz Cynthia Arson, diretora de América Latina no Woodrow Wilson Center.

"O engajamento econômico e o combate à mudança climática caminham juntos", disse Juan González, ex-assessor de Biden para o Hemisfério Ocidental na época em que este era o vice-presidente. "Os países

que estão verdadeiramente prontos para serem ambiciosos em cumprir os compromissos de Paris terão os EUA a seu lado."

"[Biden] será o primeiro presidente que não pedirá uma explicação sobre por que o Brasil é importante", disse o ex-subsecretário do Departamento de Estado Thomas Shannon, que foi embaixador no país. **Página A11**

Novo sistema detecta covid por raio-x

Beth Koike
De São Paulo

Uma tecnologia capaz de diagnosticar com precisão a covid-19 por meio de exames de raio-x e tomografia começa a ser testada no Hospital das Clínicas de São Paulo. "Tivemos acesso a 600 raios-x e mil tomografias do HC. A partir daí, desenvolvemos os algoritmos que nos dão a resposta da presença da doença nos pulmões", disse Roberto Lotufo, que criou a NeuralMind aos 61 anos, após se aposentar na Unicamp. **Página B8**

no Bradesco é tudo num

PIX

CADASTRE SUA CONTA NO APP BRADESCO E PREPARE-SE.

PAGUE, RECEBA E TRANSFIRA GRATUITAMENTE.

experimente o futuro

LIVE do VALOR

Às 11 horas no www.valor.com.br

- Quarta, 16/09**
Kátia Abreu, senadora (PP-TO), integrante da Frente Parlamentar da Reforma Administrativa
- Quinta, 17/09**
Ricardo Abramovay, professor de Ciência Ambiental da USP
- Sexta, 18/09**
Marcos da Veiga Pereira, sócio da Editora Sextante
- Segunda, 21/09**
Fábio Coelho, presidente do Google Brasil
- Terça, 22/09**
Ignacio Ybáñez, embaixador da União Europeia no Brasil



Matéria-prima Produtores apontam descolamento entre oferta e demanda; mas alegam que cenário é temporário

Retomada em "V" leva à falta de insumos

Ana Paula Machado
De São Paulo

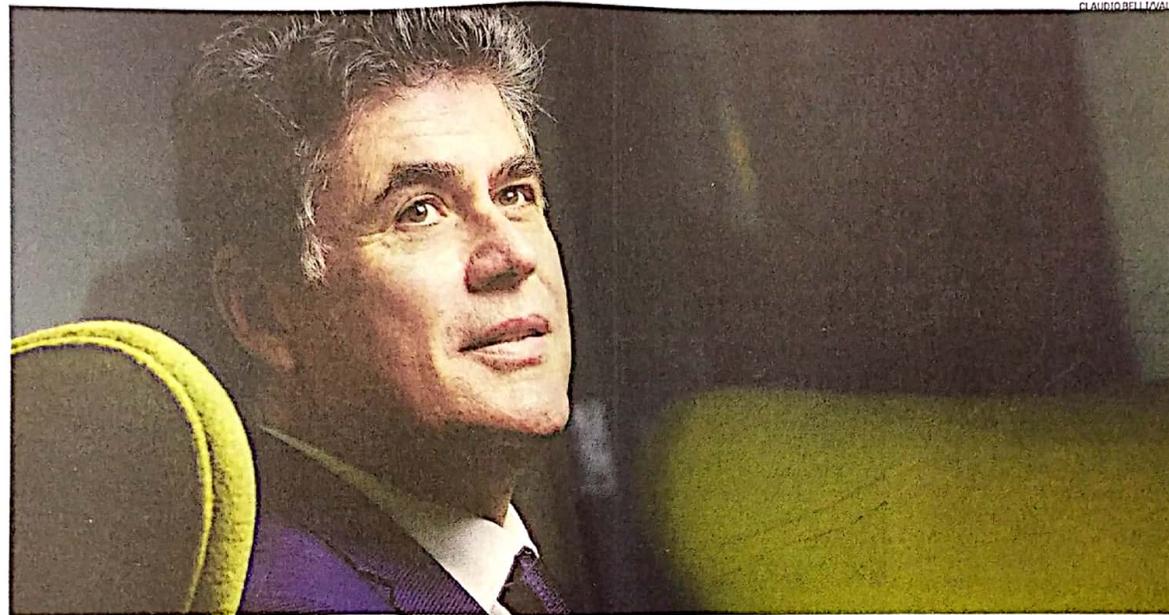
O desabastecimento de alguns insumos industriais, como aço e PVC pode ser resolvido até o final do ano. Já em papelão ondulado, usado muito em embalagens, houve atrasos nas entregas e deverá ser resolvido no início de 2021.

No caso do aço, por exemplo, segundo Carlos Loureiro, do Instituto Nacional de Distribuidores de Aço (Inda), esse descolamento da oferta e da demanda ocorreu pela recuperação em "V" de alguns setores consumidores e o tempo mais longo para a retomada da produção das usinas.

"Além da demanda normal, muitos clientes estão recompondo os seus estoques. Esse desabastecimento é provisório, em dois meses deverá ser regularizado. A retomada da demanda não é na mesma velocidade da oferta."

Em abril, 13 altos-fornos foram desligados para adequar a produção à demanda. Com isso, a utilização da capacidade instalada das usinas chegou a cerca de 42%. Agora, dos 13 equipamentos desligados, quatro voltaram a operar entre junho e julho e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) também deve religar o alto-forno 2 que teve a operação parada em maio.

A rápida retomada das compras fez com que as estimativas de queda de vendas de aço no país saísse de 20%, em abril, para 12% em julho. Segundo o Instituto Aço Brasil, essa estimativa deverá ser revista novamente para baixo.



Roriz Coelho, da Abiplast: 60% da produção já está regularizada comparada há dois meses. "Com pandemia, empresas deixaram de abastecer nos ciclos normais"

Bruno Bassi, gerente executivo e corporativo do Grupo Açotubo, um dos maiores distribuidores de aço do país, disse ao Valor que, a partir de julho, o mercado voltou mais forte em alguns setores, como o de máquinas agrícolas, e em um momento em que as usinas estavam iniciando a retomada de produção.

"É natural que isso não ocorra tão rápido, por isso a figura do distribuidor é que ele abasteça o mercado em momentos como este que se adequar à nova demanda logo no período crítico da pandemia, com as vendas em

queda e a produção das usinas paradas. Com isso, a solução encontrada foi consumir os estoques, porém, de acordo com ele, de maneira "conservadora".

Como todo mundo fez, também reduzimos o volume de estoque, mas deixamos colchão para o momento de retomada da usina, pois as entregas são menores."

Segundo ele, a companhia deixou um estoque de segurança para o momento de retomada das vendas. "Não fomos tão financistas. Fomos mais conservadores nesse ponto. A capacidade das usinas está menor e agora o

abastecimento é um pouco mais lento, mas nada que esteja impactando o nosso negócio. Acreditamos que no decorrer de outubro essa situação se regulariza."

No caso de plásticos, o presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), José Ricardo Roriz Coelho, disse que a reorganização entre demanda e oferta irá ocorrer até o início de 2021. Segundo ele, ocorreu um descolamento nas cadeias produtivas com a pandemia e muitas empresas deixaram de abastecer nos ciclos normais de suprimentos. "No retorno, houve

problemas logísticos com alocação de material e essa normalização só deve ocorrer no início do próximo ano", afirmou.

Segundo Roriz, 60% da produção já está regularizada se comparada há dois meses. Entretanto, ele afirmou que, com o fim do auxílio emergencial em janeiro, poderá haver queda na demanda, principalmente do varejo da construção civil, um dos grandes mercados para os produtos de PVC. Isso poderá representar redução da folha de pagamentos em algumas empresas, disse.

Já o mercado de papelão ondulado está aquecido para diversos segmentos. O setor deve continuar assim até o fim do ano. Segundo a Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO), em função dessa demanda maior as remessas estão com prazos mais estendidos.

"A embalagem de papelão ondulado é realizada por encomenda, portanto, não há estoque. A grande parte da indústria, que a ABPO representa, opera com prazos entre 7 e 30 dias. No cenário atual estendeu para até 60 dias."

Pelos números da ABPO, o primeiro trimestre de 2020 acumulou crescimento de 7,5% em relação ao mesmo período de 2019. No entanto, o segundo trimestre deste ano registrou recuo de 3,2%, com acentuada queda em maio de 12,5%. A retomada do crescimento iniciou em meados de junho e em agosto de 2020 a expedição de caixas, acessórios e chapas de papelão ondulado foi de 346.033 toneladas, alta de 8,1% em relação a agosto de 2019.

ECV aponta influência do câmbio e demanda nos reajustes